

Mas há mais ameaças à recuperação econômica do mundo

Pressões deflacionárias sobre a energia, sobre os metais, os produtos agrícolas e muitos bens manufaturados, que vão desde produtos têxteis a computadores, estão afetando amplas áreas da economia mundial e da norte-americana.

O problema básico, na opinião de muitos economistas, é a diferença existente entre a produção real, o índice no qual o produto nacional bruto se está desenvolvendo, e a produção potencial, o nível de produção que poderia ser conseguido se os recursos físicos e de mão-de-obra fossem utilizados em elevados níveis.

Edward L. Denison, do The Brookings Institution, no seu novo estudo intitulado "Tendências do Crescimento Econômico Norte-Americano", acha que a diferença entre a produção real e a potencial nos Estados Unidos tem aumentado constantemente. Ela equivalia a apenas 0,9% de 1948 a 1969, mas passou a ser de 9,8% no período de 1980 a 1983. Apesar da recuperação cíclica da economia a de 1982 em diante, a diferença entre a produção real e a potencial continua grande, tanto nos Estados Unidos como no Exterior, prejudicando o crescimento.

De que maneira se pode aumentar o crescimento real? Utilizar a política fiscal como estímulo nos Estados Unidos, onde o déficit orçamentário já é superior a 200 bilhões de dólares, é algo fora de cogitação, tanto por motivos políticos como econômicos. O mercado de títulos públicos caiu esta semana e as taxas de juros aumentaram devido a temores de que o Congresso possa fazer muito pouco para reduzir o déficit do orçamento federal.

As crescentes taxas de juros, se continuarem, poderão derrubar a atual recuperação, atingindo também as ações na cabeça. Aumentar ainda mais o déficit orçamentário, forçando os Estados Unidos a levantar ainda mais empréstimos no Exterior, também inverteria — por uma pressão ascendente sobre as taxas de juros — a tendência decrescente do dólar, o que contribuiria para agravar ainda mais o déficit comercial norte-americano.

A solução básica para se diminuir a diferença entre a produção real e a potencial nos Estados Unidos parece ser, a curto prazo, uma política monetária menos rígida. Realmente, as pressões deflacionárias que afetam as commodities mundiais tornam possível à Reser-

va Federal desempenhar um papel mais estimulante, para manter a recuperação e para evitar uma estagnação mundial, que teria consequências desastrosas para os países em desenvolvimento com grandes problemas de dívida externa.

James A. Baker III, secretário do Tesouro dos Estados Unidos, trabalhando intimamente com Paul A. Volcker, o presidente da diretoria da Reserva Federal, está incentivando outros importantes países industrializados, principalmente o Japão e a Alemanha Ocidental, a contribuírem mais para uma reanimação do crescimento econômico mundial, fornecendo maiores estímulos através de cortes fiscais e, ao mesmo tempo, elevando suas taxas de juros o suficiente para ajudar suas moedas a aumentar de valor em relação ao dólar norte-americano. No entanto, nem o Japão nem a Alemanha Ocidental nem outros membros da Comunidade Econômica Européia cujas moedas estão vinculadas ao marco alemão parecem estar dispostos a ir muito longe em direção aos estímulos fiscais.

Com a alta probabilidade de que o lento crescimento da economia mundial continue, a diferença

entre a produção real e a produção potencial ameaça persistir, mantendo pressões deflacionárias sobre os preços da energia e das commodities durante um futuro previsível, possivelmente durante o restante desta década.

Se a política governamental de incentivar o crescimento continuar neste atual estado no mundo industrial, conseguir um mais elevado potencial de crescimento é algo que irá depender principalmente das empresas privadas. Mas continua crítica para o governo a criação de um ambiente favorável no qual as empresas possam operar com êxito e a produção real se mantenha próxima da produção potencial, com os preços nem subindo demais e nem caindo excessivamente.

Tanto a inflação como a deflação criariam um ambiente no qual o perigo para as empresas e para o sistema bancário em muitos países, bem como a ameaça de um colapso sistêmico, aumentaria. Como diz a antiga frase: "Nós não queremos a inflação e não queremos a deflação. O que estamos necessitando é de uma flação".

**Leonard Silk,
do New York Times.**